

STREET EM GRANDE ESTILO

Praticamente um novato,
Marcos Sêmola já marca presença
no cenário da fotografia mundial
com uma visão original sobre o
cotidiano das grandes cidades



◀ André Teixeira
Fotos: Marcos Sêmola

O olhar atento sobre detalhes – aparentemente banais e muitas vezes despercebidos – do cotidiano de países como Inglaterra, Holanda, Malásia e França forma a base do ensaio *Street*, que o engenheiro de computação e fotógrafo carioca Marcos Sêmola desenvolveu no período em que morou na Europa. “As fotos são fruto da combinação de alguns elementos: pessoas, comportamento espontâneo, ambiente bucólico-dramático e preto e branco”, conceitua o fotógrafo. “Essa combinação tem se firmado como minha engrenagem motriz, pois acredito que as imagens permitem múltiplas interpretações e leituras por públicos heterogêneos”, completa. Nem sempre, porém, a presença do elemento humano, tão forte nesse ensaio, foi tão evidente no trabalho de Sêmola. “Nos últimos dois anos, sofri grandes mudanças de estilo e assunto, passando pela fotografia em cores sem qualquer elemento humano,

até me descobrir na fotografia em preto e branco, quase sempre com elemento humano e com total falta de interferência que me permita capturar o momento, a expressão, o contexto”, analisa.

Essa tal falta de interferência na cena, para ele, é questão de honra, a ponto de trabalhar, muitas vezes, com a câmera pendurada na altura da barriga, com uma grande-angular e um disparador remoto escondido no bolso da calça. “Isso até me rendeu o apelido, no fotoclube do qual faço parte na Holanda, de ‘Belly street’ (algo como ‘Barriga das ruas’)”, diverte-se. Com esse recurso, o fotógrafo consegue se aproximar do assunto e capturar o instante sem interferências, “além de colocá-lo em primeiro plano, como protagonista da imagem”, afirma. Ele diz também ser fã das clássicas 50mm, “que me obrigam a andar ao redor do assunto, uma ótima ferramenta de aprendizado, e encontrar o melhor ponto para capturar a atmosfera que desejo”, comenta Marcos.

Na preocupação com a não-interferência se inclui uma tentativa de modificar o



mínimo possível o resultado obtido na hora do clique. “Procuro fazer poucas intervenções nas minhas fotografias. Invisto mais tempo na admiração e escolha do ângulo e composição do que na tentativa de cor-

>>



mbazen

de Volks...
De raadsman en het gro...





reção ou recuperação de uma fotografia tirada às pressas. Obviamente que nem sempre isso é possível, especialmente em se tratando de um estilo, por vezes instantâneo, de *street*. De qualquer forma, mesmo nesses casos, procuro preparar o equipamento de forma a reduzir as margens de erro e, assim, evitar intervenções profundas depois”, explica.

O fotógrafo diz que morar um tempo fora do Brasil ajuda na percepção de pequenas cenas e imagens que passam

despercebidas por quem já está habituado a elas. “Certamente é uma vantagem, ainda mais por ter encontrado, numa comparação entre Rio e Londres, personagens, roupas, estilos, comportamentos e cenários incomuns, que despertam ainda mais o interesse”, observa. Ele diz que essa experiência continua lhe sendo útil agora que retornou ao Brasil. “Passei a enxergar, por aqui, muito mais belezas e cenas fotografáveis do que via antes de viver quatro anos na Europa”, garante.

Sobre a opção pelo PB nesse ensaio – e na maioria das fotos que mostra em seu site – ele tem uma explicação simples. “É praticamente minha primeira opção. Parece que enxergo o mundo em preto e branco, é como vejo mais emoção na fotografia. Enxergo mensagens ocultas nas expressões e cenas que normalmente não veria em uma fotografia em cores. Posso estar enganado tecnicamente, já que a cor é tida como uma dimensão adicional, portanto, adicionando mais informação à foto, mas isso não funciona comigo na maioria das vezes. Inclusive, não gosto apenas do preto e branco, mas também do que chamamos de ruído da imagem, os grãos que aparecem em fotos digitais tiradas com ISO alto ou em analógicas subexpostas, que realçam a



atmosfera dramática que procuro capturar nas minhas fotografias”, analisa.

Cor, para ele, só tem espaço em trabalhos encomendados, ou quando pode ajudar na venda da imagem. “Preciso administrar a minha indecisão. Por isso, quando estou fazendo um trabalho livre, já fotografo em PB para sequer ter a chance da dúvida na hora de selecionar e trabalhar as imagens. Eu enxergo mesmo tudo em PB e já olho a cena analisando as sombras e o contraste no resultado final. Procuro ver a fotografia antes de apertar o botão, e essa visão na minha cabeça é em preto e branco”, assegura.

Sêmola sempre se sentiu atraído pela fotografia – interesse herdado do pai e do avô, ambos amadores bastante avança-





dos –, mas só passou a se dedicar mais intensamente a ela após a mudança para a Europa, em 2005. O fato de trabalhar na área de tecnologia da informação contribuiu na escolha. “É algo muito binário, matemático e exato, o que intuitivamente me fez procurar atividades paralelas mais livres, criativas e que me permitissem ousar sem medo de quebrar padrões”, conta. “O acesso aos equipamentos de ponta e, principalmente, a atmosfera compatível com meu foco fotográfico, aumentaram o interesse”, acrescenta.

“Comecei a levar o hobby a sério e procurei ler e experimentar bastante, além de me envolver em atividades voluntárias, para encontrar o meu nicho e o meu estilo. Adquiri um equipamento digital e outro analógico e passei a acreditar na qualidade do trabalho e me jogar de cabeça, o que me fez trabalhar em eventos internacionais, participar de concursos, projetos voluntários e procurar o maior banco de imagens comerciais do mundo, a Getty Images, que, depois de uma longa e dolorosa seleção técnica e artística, me chamou para assinar meu primeiro contrato de licenciamento para comercialização das minhas fotografias. Hoje, cerca de dois anos depois, conto com imagens vendidas

para a Holanda, França, Israel, Bulgária, Estados Unidos e Inglaterra”, orgulha-se.

A história de sua relação com a Getty merece algumas linhas. “É uma história no mínimo curiosa. Depois de um ano estudando, lendo e fotografando intensamente em Londres, minha esposa voltou de uma festa em que um fotógrafo experiente mencionara seu sonho em assinar um contrato com a agência, enfatizando o quão difícil era passar pelo crivo técnico e artístico. Foi o bastante para eu encarar o assunto como um desafio. Imediatamente, comecei a trabalhar em uma seleção de imagens e a ler a longa lista de requisitos técnicos, que vai da pequena lista de câmeras digitais das quais aceitam material ao tamanho mínimo dos arquivos (48MB), além dos aspectos artísticos e comerciais que envolvem a comercialização de imagens”, lembra.

Depois de um mês de trabalho para o envio do material dentro dos parâmetros, ele enviou a proposta e esperou cerca de três meses para ter quatro das dez imagens reprovadas. “Entretanto, também recebi a boa notícia de que se interessaram pelo meu material e gostariam de me propor um contrato, acompanhado do pedido para envio de outras quatro imagens que pudessem

substituir as rejeitadas”, recorda. Passou, assim, sem muita expectativa, a fazer parte do enorme banco de imagens comerciais da agência. “Uma única venda já faria a minha alegria, mas, para minha surpresa, depois de um ano, minhas imagens começaram a ser compradas, uma após a outra e, além de despertar o interesse de diversos países, agências de publicidade e editoras, fui presenteado pela compra de uma imagem pelo *The Wall Street Journal*”, destaca.

Essa venda foi decisiva para despertar o interesse de outros compradores e, hoje, Sêmola diz que o retorno já vem mantendo seu hobby de forma sustentável. “É definitivamente a melhor relação ganha-ganha, onde pude associar o prazer à receita. Espero que minha história, mesmo que revele um sucesso tímido, possa servir de inspiração para novos fotógrafos que acreditam no seu potencial e que erroneamente não pensam poder um dia ver seu trabalho sendo consumido em escala mundial”.

O fotógrafo está de volta ao país e pretende explorar nossa realidade em seu trabalho. “Agora é o momento de olhar mais detalhadamente para o Brasil, divulgar o meu trabalho e – por que não? – ser de alguma forma útil para a arte brasileira”. ▀